

**ECOPSIKOTERAPIA: A NATUREZA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA**Estefani Doss<sup>1</sup>Edina Paula Ciervinski Rodrigues<sup>1</sup>Angela Maria Bavaresco<sup>2</sup>Paulo Ricardo Bavaresco<sup>3</sup>**Resumo**

A relação estabelecida pelo homem e o ambiente como seu habitat tem sofrido alterações ao longo dos anos, no cenário globalizado e tecnológico atual percebe-se que houve um afastamento do homem ao ambiente natural, que culminou na atual crise ambiental. Defendendo a ideia de que o homem e a natureza estão intimamente ligados, e que mantêm uma relação de complementaridade, desenvolvemos este trabalho de revisão dos conceitos teóricos da Ecopsicologia e da teoria Junguiana com o objetivo de compreender as relações do adoecimento psíquico com a atual crise ambiental globalizada. Pretendemos compreender as relações do distanciamento do homem da natureza com a degradação socioambiental e o adoecimento, e verificar o papel da Psicologia nas questões ambientais e na promoção da reconexão do homem com o natural para promover saúde, bem estar e contribuir com a sustentabilidade, bem como, analisar os benefícios terapêuticos que o contato com o meio natural podem proporcionar ao ser humano.

Palavras-chave: Ecopsicologia. Saúde Ambiental. Sustentabilidade. Crise Ambiental.

**1 INTRODUÇÃO**

As questões ambientais ganharam grande repercussão e amplitude nas últimas décadas, revelando a necessidade de estudos inter e

transdisciplinares que envolvam a complexa relação estabelecida entre o homem e o meio ambiente, e que busquem alternativas para a sustentabilidade. Carvalho (2013, p. 75) afirma que “há uma mórbida e sutil associação entre a crise de sustentabilidade e a crise psíquica da sociedade industrial”, houve, em algum momento da nossa evolução, um distanciamento físico e psicológico do homem com a natureza e, como consequências surgiram às psicopatologias e as atitudes destrutivas advindas do novo modo como o homem se relaciona com o ambiente, culminando na atual crise de insustentabilidade. Desenvolvemos esse trabalho com o objetivo geral de compreender as relações do adoecimento humano com a atual crise ambiental globalizada, objetivando relacionar saúde e ambiente através dos conceitos teóricos da Ecopsicologia e da teoria Junguiana, compreender as relações do distanciamento do homem da natureza com a degradação socioambiental e o adoecimento, e verificar o papel da Psicologia nas questões ambientais e na promoção da reconexão do homem com o natural para promover saúde, bem estar e contribuir com a sustentabilidade.

Portanto a contribuição da Psicologia é fundamental, e esta tem o desafio de colaborar para uma consciência ecológica, onde estejam inseridas as variáveis sociais e ambientais, e de promover uma reconexão do homem com a natureza, de modo que este adote novos valores e atitudes ecologicamente corretas e sustentáveis.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### ECOPSICOLOGIA: A RELAÇÃO HOMEM X NATUREZA E SUAS IMPLICAÇÕES

A relação estabelecida pelo homem e o ambiente como seu habitat tem sofrido alterações ao longo dos anos, e a realidade atual marcada pela globalização, e por constantes mudanças econômicas e sociais, inovações tecnológicas, pelo consumismo desenfreado, e pelas incertezas quanto ao futuro do planeta, ao mesmo passo que traz à tona a necessidade de uma

consciência ecológica e uma valorização do meio ambiente, pela possível escassez de recursos naturais e por efeitos como o aquecimento global, afasta o homem do contato com a natureza.

Por milênios o homem viveu em íntima relação com a natureza, dela provinha à água, os alimentos, e a matéria prima para consumo e para construção das moradias. Com o advento da Revolução Industrial, e em consequência o êxodo rural, e o surgimento da tecnologia, o desenvolvimento ocorreu principalmente em ambientes urbanos, afastando o homem da natureza, das suas origens, afetando a relação entre homem e natureza, gerando problemas ambientais e complicações para a saúde humana.

Conforme Bôlla (et. al. 2013, p. 310) a busca pelo crescimento econômico desenfreado, difundida por quase todos os países do mundo e amparada no desenvolvimento tecnológico e em pouca reflexão e consciência sobre suas consequências, favoreceu a ideia de que o ser humano tem total poder e controle sobre a natureza e que, sendo assim poderia explorá-la e subjugar-la a seu bel prazer, sem causar qualquer prejuízo à humanidade.

Nesse sentido, a psicologia, tida como a ciência que trata dos estados e processos mentais, do comportamento do ser humano e de suas interações com um ambiente físico e social, e que visa o bem estar e a saúde, tem um papel fundamental na promoção da reconexão do homem com o meio ambiente. Para Pinheiro (1997, apud. DUARTE, 2017, p. 06) a psicologia deve participar das discussões e lançar propostas para a crise ambiental, isso porque, não existem problemas isoladamente ambientais, mas humano-ambientais. Duarte (2017, p. 06) acrescenta que a crise ambiental reflete o estado da psique humana, e que tudo o que pertence à realidade externa ocupa em nós um lugar interno.

Dessa forma adentramos na Ecopsicologia, que, considerada subcampo da Psicologia Ambiental, é um campo emergente de estudos sobre a relação ser humano e ambiente (VOLPI, 2007, p. 322), que busca afirmar “a importância do contato com a natureza, do respeito a ela e do

resgate da compreensão do ser humano como ser essencialmente ecológico para o bem-estar da humanidade” (BÔLLA, et. al. 2013, p. 322). O foco central da Ecopsicologia são as relações do ser humano com a teia da vida, essas relações são mediadas pela cultura e se dão para além do nível dos comportamentos observáveis, pois incluem a subjetividade, na qual crenças, autopercepções, emoções, motivações, gratificações e conflitos cumprem parte fundamental do que se expressa em comportamentos ambientalmente funcionais ou disfuncionais. Na busca da compreensão da totalidade do fenômeno humano em sua construção/desconstrução, destruição/recriação de seu futuro, a Ecopsicologia desde seu início apoiou-se em conceitos derivados das abordagens clínicas (CARVALHO, 2013, p. 17).

Pode-se dizer que a Ecopsicologia é uma abordagem que transita entre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade que busca estender a área de investigação da Psicologia para além das relações inter e intrapessoais, abrangendo as nossas conexões psíquicas com o mundo natural (CARVALHO, 2013, p. 12-16), que se baseia na ideia de que nossos comportamentos destrutivos em relação à natureza são provenientes do senso de desconexão com o mundo natural, conforme Carvalho (2005, p.331) para a Ecopsicologia, a saída para a atual crise de sustentabilidade estaria então no desenvolvimento do inconsciente ecológico de modo que favoreça a constituição do ego ecológico.

Também podemos compreender a relação de saúde e ambiente, e os vínculos do homem com a natureza na análise da teoria Junguiana. No conceito junguiano de inconsciente coletivo o ser humano é visto como expressão de arquétipos que organizam a humanidade como um todo, e, conforme Jung (2011, p.99) no mundo dos arquétipos, o homem ainda é natureza e está conectado com suas raízes.

Para Jung (1997, p. 189, apud. DUARTE, 2017, p. 06) “todos nós precisamos de alimento para a psique, é impossível encontrar esse alimento nas habitações urbanas, sem uma única mancha de verde ou árvore em flor; necessitamos de um relacionamento com a natureza;” acrescenta

ainda que precisamos projetar-nos nas coisas que nos cercam, pois o meu eu não está confinado no corpo e estende-se a todas as coisas que fiz e a todas as coisas à minha volta, sem estas coisas não seria eu mesmo, não seria um ser humano. "Tudo que me rodeia é parte de mim" (JUNG, 1997, p. 189, apud. DUARTE, 2017, p. 06).

Para Duarte (2017, p. 18) a natureza é como um espelho no qual nos vemos, somos um pouco de todos os seres e todos os seres são um pouco de nós, conectar-se a ela e à essência de todos os seres é também uma forma de nos integrar com nossa própria totalidade. Da mesma forma, Carvalho (2013, p. 79) afirma que nosso DNA partilha genes com muitas outras espécies. As partículas químicas que formam nossos corpos estão viajando pelo espaço e numa escala de tempo impossível de imaginar, formaram e formarão as estruturas de incontáveis outros seres. Fica evidente que a vida humana modifica o ambiente ao mesmo tempo em que é influenciada pelos fatores ambientais, e é também condicionada pelo passado. Para Santos (2005, p. 26) tentar negligenciar a natureza biológica, acreditando que o homem é um ser totalmente dissociado dos outros elementos naturais, equivale a negar o nosso passado, as nossas origens, esses autores afirmam que "desde os caçadores do paleolítico, os agricultores do neolítico e os sumerianos da Mesopotâmia, a natureza biológica é uma herança que nos acompanha e está incorporada em todas as atividades e realizações da humanidade" (SANTOS; 2005, p. 26).

Jung (2011, p. 139) diz que "a natureza, o objeto em si, reflete tudo o que existe em nosso inconsciente", com isso podemos compreender as palavras de Carvalho (2013, p. 75) quando afirma que "há uma mórbida e sutil associação entre a crise de sustentabilidade e a crise psíquica da sociedade industrial, crises essas que a Ecopsicologia afirma serem indissociáveis", e que a repressão do reconhecimento de nós mesmos como parte de um planeta onde tudo está interligado é o cerne das patologias contemporâneas.

Conforme Capra (1982, p. 14) a degradação do meio ambiente natural tem sido acompanhada de um aumento nos problemas de saúde,

enquanto as doenças nutricionais e infecciosas são as maiores responsáveis pela morte nos países subdesenvolvidos, os países industrializados são atingidos pelas doenças crônicas e degenerativas, sobretudo as enfermidades cardíacas, o câncer e o derrame. Quanto ao aspecto psicológico, o autor afirma que a depressão grave, a esquizofrenia e outros distúrbios de comportamento, bem como o aumento do número de crianças com deficiência de aprendizagem e distúrbios de comportamento, das taxas de alcoolismo, consumo de drogas e violência, e até mesmo de suicídios, parecem brotar de uma deterioração paralela de nosso meio ambiente social.

Há indicadores mundiais e pesquisadores de todo o mundo alertando para a correlação entre os fatores ambientais e a saúde, Bølla (et. al. 2013, p 317) afirmam que " além dos riscos à saúde, originários de poluição química na água, no ar e no solo, ou riscos sanitários, também estão envolvidas na relação ambiente e saúde as questões como pobreza, condições psicossociais, equidade e a necessidade de implantação de um modelo de desenvolvimento sustentável para a qualidade de vida também das futuras".

Pensar no adoecimento humano como consequência e causa dos problemas ambientais se torna dificultoso devido ao fato que os comportamentos ambientalmente mais disfuncionais são exemplarmente funcionais do ponto de vista econômico ou social, tendo em vista que a ausência da dimensão ambiental e/ou ecológica leva a uma séria distorção da noção de saúde.

Segundo Volpi (2007, p. 164) precisa-se mais do que nunca compreender as raízes emocionais que levam o ser humano a se colocar fora e destruir a natureza, conhecer as corações, a personalidade e os traços de caráter que tornam um ser humano rígido e tomado por sentimentos destrutivos, só assim, seremos capazes de oferecer a possibilidade de sanar as feridas ecológicas causadas pela separação e pelos danos que cometemos na natureza, assumindo condutas éticas e responsáveis perante o planeta que fortaleçam novamente nossos vínculos com a terra.

Assim sendo, deve-se deixar de admitir a conotação negativa de saúde como ausência de doenças e passar a vê-la como a harmonia dinâmica entre todas as dimensões humanas, que são inter-relacionadas e interdependentes. Muito mais do que ausência de sintomas, a saúde, nesse âmbito, está intimamente ligada à subjetividade, tendo a felicidade e o bem-estar como quesitos fundamentais (Bôlla et. al. 2013, p 316). A promoção da saúde deveria ocorrer então sob um olhar complexo e dinâmico, que inclua a esfera subjetiva, social, política, econômica e cultural, colocando, portanto, a serviço da saúde, os saberes produzidos nos mais diferentes campos do conhecimento, e não apenas com o olhar reducionista das ciências da saúde. É necessário admitir que o ser humano é biopsicossocial, portanto deve-se olhar além da condição individual e biológica do sujeito e atentar para aspectos como a pobreza, o desemprego, a falta de infraestrutura no lugar onde este habita, incluindo a carência de água potável, de saneamento básico, de destino adequado ao lixo, de escassez de alimentos e de educação de qualidade (BÔLLA et. al., 2013, p. 316-317).

Volpi (2007, p. 164) afirma que não podemos falar em saúde mental sem falarmos da saúde ecológica, não podemos restaurar a saúde mental humana e o nosso bem estar, se não restaurarmos a saúde do planeta. É preciso reintegrar a mente humana à natureza de forma a reconectar nosso eu mais profundo às raízes de onde surgimos, de forma a reavivar a energia e o afeto que existe em cada ser humano no intuito de cuidar e de preservar, no lugar de abandonar ou destruir.

Conforme Santos (2005, p. 28) atender nossas necessidades requer que tenhamos estreita interação com o meio que nos circunda, com as paisagens, com a natureza, e esta interação não é meramente econômica, como infelizmente pensam alguns, nem tampouco apenas cognitiva, como por muito tempo acreditou a ciência; ela é também afetiva, experienciada, isto porque as esferas que compõem nossa natureza humana são complementares e não excludentes: o cognitivo e o afetivo. O que temos que ter sempre em mente é que a valorização dos fatores naturais que são

as relações ser humano e meio ambiente fazem parte de um processo de gerenciamento dos relacionamentos entre um ser e o meio.

Nesse sentido o distanciamento físico e psicológico da natureza é fonte de adoecimento, e começa a se redescobrir o potencial terapêutico da reaproximação do ser humano com o natural. James Hillman (1993, apud Carvalho, 2013, p. 99), criador da abordagem neojunguiana prescrevia natureza a seus pacientes. Outros terapeutas afirmam que caminhadas em parques e florestas é o melhor remédio para estados de perturbação como ansiedade e depressões leves; há terapeutas que recomendam caminhadas de pelo menos quarenta minutos entre árvores para voltar ao eixo; crianças portadoras de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), e de depressão, beneficiam-se enormemente de períodos ao ar livre" (CARVALHO, 2013, p.97).

Percebe-se então que o homem e a natureza estão intimamente ligados, e mantêm uma relação de complementaridade, então se "a perda do vínculo produz desequilíbrio e destrutividade" (Bôlla; et. al. 2013, p. 315), a reconexão poderia promover equilíbrio, e, portanto, bem-estar. Nesse sentido pode-se pensar na natureza como uma ferramenta terapêutica, daí advém a Ecopsicoterapia, como um processo onde a promoção da saúde e bem-estar se daria através de práticas terapêuticas que facilitassem a reconexão com o natural.

Carvalho (2013, p. 99), afirma que a natureza é o grande setting terapêutico, e defende que a cultura do campo garantiu nossa sobrevivência, e é fonte de amadurecimento pessoal, é nela que o ciclo da vida e o comportamento das outras espécies podem ser observados, e é no contato direto com o mundo natural que são gerados os sentimentos de pertença e conexão, e esses sentimentos nos levariam a atitudes mais sustentáveis. Para Duarte (2017, p. 18) cuidar da natureza, contemplar a natureza não é somente um ato romântico, mas uma forma de nos cuidar, de nos contemplar e de reconhecer os nossos próprios mistérios.

Desde o século XX têm-se estudos sobre os benefícios da natureza para a promoção de saúde, em 1940 Dalben e Soares publicaram os

benefícios de usufruir de elementos naturais como métodos terapêuticos nas colônias de férias infantis, e afirmaram que “a utilização científica dos elementos naturais, como o ar, a luz solar e a água, associada aos exercícios físicos, tornaria o corpo infantil mais preparado para as adversidades da vida urbana”, e que o corpo se fortificaria quando trabalhado junto à natureza (Dalben; Soares, 1940, p. 177). “Em um momento em que a cidade começava a mostrar-se ameaçadora, a provocar medo e angústia, e que o discurso médico cada vez mais exaltava os malefícios do ambiente urbano para a saúde da população, a natureza era compreendida como um refúgio saudável para a vida inebriante e moralmente corrompida da cidade moderna. O ideário era, basicamente, o de que as viagens e as estadias à beira-mar, na montanha e no campo, a permanência ao ar livre, o afastamento das doenças pelo uso da luz solar, o reforço das defesas do organismo pelo contato com os elementos naturais – tudo isso auxiliaria na formação de um corpo infantil perfeitamente adaptado à vida urbana” (Dalben; Soares, 1940, p. 180).

Contemporaneamente, as cidades cresceram, e na maioria dos países não param de crescer. Os avós, antes fazendeiros, também moram em cidades, e as crianças tem cada vez menos oportunidade de usufruir dos espaços verdes que seus pais e avós usufruíram, e o resultado que estamos testemunhando é uma geração radicalmente urbana e viciada em tecnologia (Carvalho; 2013, p. 97). Fica evidente o distanciamento físico e psicológico do homem com a natureza, e como consequência surgiram às psicopatologias e as atitudes destrutivas subjacentes a esse novo modo como estes se relacionarem, culminando na atual crise de insustentabilidade.

Conforme Duarte (2017, p. 09) somos parte da natureza e guardamos os traços arquetípicos de nossa ancestralidade, abandonar nossas raízes naturais significaria uma cisão de nós mesmos e essa dissociação, do homem com o meio e com sua própria natureza, estaria à frente dos principais problemas ecológicos da atualidade. Jung (2011, apud DUARTE, 2017, p. 07) sugeria que o processo de individuação ou de realização da totalidade do

ser acontecesse como consequência do equilíbrio entre seus aspectos naturais e sociais.

O desafio para a Psicologia na busca de saúde ambiental e sustentável torna-se então proporcionar vivências e experiências que aproximem os pacientes de elementos naturais, que sejam capazes de promover uma reconexão profunda do ser com o meio, resgatando o sentimento de ética e integração com o universo, com a vida, com a própria originalidade do seu ser. Várias experiências comprovam a eficácia do contato com a natureza, a exemplo de Greenway (1995, apud Carvalho; 2013, p. 83) que cunhou o termo "efeito floresta" para se referir as mudanças ocorridas com as pessoas que participavam do seu programa de expedições na Universidade Estadual de Sonoma, EUA, durante as décadas de 1960 e 1970.

Nesse programa, por duas semanas jovens universitários eram conduzidos por Greenway a regiões selvagens. Ao final da experiência, respondiam a um questionário sobre seus efeitos. A pesquisa acompanhava a evolução dos novos aprendizados e mudanças provocados pela expedição anos após seu término. Os resultados indicaram acréscimo nas sensações de vivacidade, bem-estar e energia em 90% dos participantes. Também 90% quebraram algum tipo de vício. Mudanças importantes nas áreas de relacionamentos, trabalho ou estilo de vida acompanharam 77% dos participantes. Ter um tempo sozinho na natureza, subir e descer ao cume de um monte para saudar o sol e a sensação de companheirismo com os demais expedicionários foram citadas como as experiências mais importantes. Greenway afirmou que em poucos dias os participantes começavam a falar que estavam se sentindo em casa, então sabia que eles tinham atravessado para as áreas selvagens psicologicamente tanto quanto fisicamente (CARVALHO; 2013, p. 83).

Marcelo Rigotti, em entrevista a TV pontual (2017) sobre os benefícios da Ecoterapia, cita o livro *Ecotherapy: Healing with Nature in Mind* editado por Linda Buzzell e Craig Chalquist que descreve vários tipos de Ecoterapia, incluindo horticultura terapia, exercício em áreas verdes, terapia assistida

com animais, terapia em ambientes selvagens, terapia de vida natural, e outras, que são utilizadas contra estresse, ansiedade, dores e muito mais.

No Brasil, Souza e Miranda (2017, p. 310 a 323) publicaram um estudo sobre o uso da horticultura como tecnologia de saúde mental, onde pretendiam realçar os benefícios e potencialidades da Horticultura como prática complementar na reabilitação psicossocial de portadores de transtornos mentais, através da análise de 15 artigos de projetos executados nesta área, datados de 2006-2015, concluindo que a Horticultura Terapia auxilia no aprendizado de novas habilidades cognitivas, na socialização, no trabalho em equipe, na resolução de problemas, além de resgatar a autoestima e proporcionar aos pacientes uma atividade laboral, que os faça planejar, articular, executar e depois ver os resultados, possibilitando assim o resgate do sentimento de cidadania e de pertencimento à sociedade.

Do mesmo modo Reed (et. al. 2012, p. 03) fizeram uma revisão de estudos da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas, e encontraram 18 artigos que os permitiram identificar os efeitos sociais, físicos e a perspectiva dos cuidadores quanto a esse tipo de terapia. Machado (et. al., 2008, p. 01) afirmam que “a terapia assistida por animais (TAA) é uma prática com critérios específicos onde o animal é a parte principal do tratamento, objetivando promover a melhora social, emocional, física e/ou cognitiva de pacientes humanos”, auxiliando no tratamento de diversas patologias como síndromes genéticas, hiperatividade, depressão, mal de Alzheimer, lesão cerebral, entre outras.

Enfim, há uma gama de técnicas da Ecopsicologia já experimentadas e com a sua eficácia comprovada, no entanto cabe ao psicólogo reconhecer as necessidades de seus pacientes para adaptá-las ao seu contexto, as suas possibilidades e a disponibilidade de tempo e espaço, de modo que consiga promover uma conexão experiencial dos pacientes com o natural, de maneira que promova também o autoconhecimento, e o sentimento de pertença e conexão com a natureza, visto que, esses sentimentos levariam a um despertar do senso de reciprocidade ambiental, e conseqüentemente a tomadas de atitude mais ética e respeitosa com a

natureza, proporcionando assim o equilíbrio necessário para uma saúde ambiental e sustentável.

### 3 CONCLUSÃO

Considerando os conceitos teóricos da Ecopsicologia e da teoria Junguiana percebemos que ser humano e natureza estão intimamente ligados, e são dependentes um do outro, estabelecendo, portanto uma relação de complementaridade, e dessa forma que devem ser vistos e estudados como um todo. A natureza esta presente em nós, no nosso inconsciente coletivo, ou ecológico, e também nos arquétipos, e estes estão incorporados em todas as nossas atividades e decisões. Com isso podemos pensar que quando uma das partes adocece, o universo adocece e que a atual crise ambiental é reflexo das crises sociais e das psicopatologias humanas.

O distanciamento físico e psicológico do homem com a natureza é o reflexo e consequência do mundo globalizado, dos mecanismos de produção e o consumo desenfreado, e dos avanços tecnológicos que nos levaram a desenvolver nossas habilidades e atividades principalmente em ambientes urbanos, gerando problemas sociais e ambientais, provocando com isso certa repressão do inconsciente ecológico, que nos levou inclusive a atitudes destrutivas em relação ao meio ambiente. Esse distanciamento torna-se então fonte de adoecimento, e a reaproximação, conforme vimos, tem potencial para promover o (re) equilíbrio, para despertar o senso de reciprocidade ambiental e o amadurecimento do ego ecológico, promovendo uma profunda reconexão do homem consigo mesmo e com a natureza.

Somente quando se admite que o homem é um ser biopsicossocial, e que sua saúde depende do equilíbrio desses fatores, é que se pode encontrar alternativas para a promoção do bem estar universal, e é aí que a Psicologia tem papel fundamental nos estudos transdisciplinares, pois é a

ciência que busca compreender o ser humano, seus comportamentos e suas relações, colaborando de maneira crucial no desafio de se buscar modos de vida mais sustentáveis, onde as demandas pessoais e sociais sejam atendidas sem provocar desequilíbrios no ecossistema, mas sim adotando atitudes éticas, compromissadas e respeitosas com o universo e todos os seres que nele vivem.

## REFERÊNCIAS

BÔLLA, Kelly Daiane Savariz; MILIOLI, Geraldo; REICHOW, Jeverson Rogério Costa. Perspetivas da complexa relação entre saúde e ambiente. Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis, Florianópolis, v. 10, n. 02, p. 310-333, Jul./Dez. 2013.

CAPRA, Fritjof. O ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. São Paulo: Cultrix, 1982. 432 p.

CARVALHO, Marco Aurélio Bilíbio. De Frente para o Espelho: ECOPSICOLOGIA E SUSTENTABILIDADE. 2013. 155 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Disponível em:

<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14858/1/2013\\_MarcoAurelioBilibioCarvalho.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14858/1/2013_MarcoAurelioBilibioCarvalho.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CARVALHO, Vilson Sergio de. Raízes da Ecologia Social: O Percorso Interdisciplinar de uma Ciência em Construção. 2005. 382 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro-ufRJ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://pos.eicos.psicologia.ufRJ.br/wp-content/uploads/vilsoncarvalho.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

DALBEN, André; SOARES, Carmen Lúcia. Uma educação pela natureza: vida ao ar livre e métodos terapêuticos nas colônias de férias infantis do Estado de São Paulo (1940). Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1, p. 167-182, abr. 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072011000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

DUARTE, Alisson José Oliveira. Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung. Junguiana, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 05-19, jun. 2017. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-08252017000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

JUNG, Carl Gustav. Símbolos da Transformação. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 661 p.

\_\_\_\_\_. Os Arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 462 p

MACHADO, Juliane De Abreu Campos; ROCHA, Jessé Ribeiro; SANTOS, Luana Maria; PICCININ, Adriana. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA). Revista Científica Eletônica de Medicina Veterinária, Garça, v. 10, n. 10, p.01-07, jan. 2008. Disponível em:

<[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/yBDakPBzygja\\_glw\\_2013-5-28-12-0-12.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yBDakPBzygja_glw_2013-5-28-12-0-12.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2018.

REED, Reiley; FERRER, Lilian; VILLEGAS, Natalia. Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 20, n. 3, p. 612-618, jun. 2012. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692012000300025&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692012000300025&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 16 mar. 2018.

RIGOTTI, Marcelo. Os Benefícios da Ecoterapia. Goiás, 22 out. 2017. Entrevista concedida a TV Pontual. Disponível em:

<<http://www.tvpontual.com.br/single-post/2017/10/22/Neste-domingo-2210-foi-realizado-um-desfile-de-cavaleiros-em-apoio-ao-trabalho-desenvolvido-pela-Associa%C3%A7%C3%A3o-de-EcoTerapia-Morrinhos-GO?id=25c84fb5-7fcb-4b10-bd7a-8825d8fd194f&m=0%2F>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

SANTOS, Vera Lúcia dos. Além do rural: os vínculos topo-biofílicos na interação visitantes e paisagem rural em Itu - SP. 2005. vi, 255 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2005.

Disponível em:

<[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104330/santos\\_vl\\_dr\\_rcl\\_a.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104330/santos_vl_dr_rcl_a.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 11 mar. 2018.

SOUZA, Thaís Sampaio de; MIRANDA, Marlene Barreto Santos. HORTICULTURA COMO TECNOLOGIA DE SAÚDE MENTAL. Revista Psicologia Diversidade e Saúde, Salvador, v. 06, n. 4, p.310-333, nov. 2017. Disponível em:

<<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1662/1064>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

VOLPI, José Henrique. FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS EM DIREÇÃO A UMA ECOPSICOLOGIA. 2007. 224 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná,

Curitiba, 2007. Disponível em:  
<<http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Teses/VOLPI-Jose-Henrique-Fundamentos-epistemologicos-em-direcao-a-uma-ecopsicologia.pdf>>.  
Acesso em: 06 abr. 2018.

Sobre o(s) autor(es)

<sup>1</sup> Acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC – Campus de São Miguel do Oeste. Rua Oiapoc, 211. São Miguel do Oeste – SC (Brasil) E-mail: [estefanidoss@gmail.com](mailto:estefanidoss@gmail.com) e [edinapaularodrigues@hotmail.com](mailto:edinapaularodrigues@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia, docente e pesquisadora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC. E-mail: [angela.bavaresco@unoesc.edu.br](mailto:angela.bavaresco@unoesc.edu.br).

<sup>3</sup> Doutor em Ciências Sociais, docente e pesquisador da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. E-mail: [paulo.bavaresco@unoesc.edu.br](mailto:paulo.bavaresco@unoesc.edu.br)